

# O CAMPO LEXICAL SIGNOS AFRICANOS EM TOCAIA GRANDE: A FACE OBSCURA

Dagmar Santana de Jesus

Mestranda de Estudos de Linguagens (PPGEL-UNEB)

Professora da Faculdade ÁREA1

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Celina Márcia de Souza Abbade.

Com a diáspora, as línguas africanas, destacando-se o banto e o ioruba foram incorporadas à língua do colonizador, o português. Contribuições que podem ser observadas através das lexias levantadas em *Tocaia grande: a face obscura*, de Jorge Amado. A partir da teoria dos campos lexicais, proposta por Eugênio Coseriu (1977), é feito um estudo diacrônico estrutural dos signos africanos presentes na obra, sentindo e saboreando, entre línguas, a riqueza legada. É feito um leve passeio pela terra dos “excluídos” para sentir e saborear, entre línguas, a riqueza legada ao povo brasileiro, principalmente da região cacauzeira, marcado não só pelas tocaias, desbravamento das terras, do auge do cacau, mas também, pela riqueza humana, linguística, cultural e religiosa.

Palavra-chave: Linguística. Identidade. Cultura.

## 1. APRESENTAÇÃO

Após tantas discussões sobre a formação do português brasileiro, percebe-se a relevante contribuição do legado africano como um dos elementos da identidade. Por muito tempo, o Brasil, não assumiu a sua história, mas atualmente, vive um momento de intensificação de pesquisas e lutas de valorização e disseminação dessa identidade.

Jorge Amado, através das suas escolhas lexicais, empregadas nas obras, apresenta ao mundo a identidade cultural baiana. E para contemplar e desvelar um pouco dessa contribuição é apresentado aqui um recorte da pesquisa que tem como

corpus a obra *Tocaia Grande: a face obscura*, fundamentado na teoria dos campos lexicais proposta por Coseriu (1977), sem deixar de lançar mão de Yeda Castro (2001), já que o interesse é apresentar o modo de agir e pensar dos “excluídos”, mostrando a contribuição africana legada ao povo brasileiro.

Os “mestiços”, os terreiros de candomblé e seus seguidores, sempre marginalizados e perseguidos, fizeram parte do autor, pois ele escrevia o que vivia. E devido à convivência com os trabalhadores do cacau e com o povo ampliou sua visão de mundo, consciência social e racial, como ele mesmo dizia:

“Eu não poderia escrever sobre a Bahia, ter a pretensão de ser um romancista da Bahia se não conhecesse realmente por dentro, como eu conheço, os candomblés, que é a religião do povo da Bahia.” (AMADO, 1981)

E em *Tocaia grande: a face obscura*, as narrativas contemplam a construção do “eu” desses “excluídos” (bandidos, retirantes nordestinos, ex-escravos e raparigas). É possível acompanhar, juntamente com os personagens, desde a formação de uma sociedade, até seu extermínio, como em *Canudos*.

## 2. O CAMPO LEXICAL SIGNOS AFRICANOS

O homem recorre à nomeação, e suas escolhas lexicais expressam o comportamento social, histórico, cultural e linguístico, revelando sua identidade cultural. Delimitar o significado de uma lexia, sem observar o contexto em que é usada, se torna uma compreensão tortuosa de ver o mundo.

“En la descripción del léxico de una lengua se podrán establecer por consiguiente, estructuras primarias, comunes, y estructuras secundárias, no comunes.” (COSERIU, 1977, p. 92)

A lexia é uma palavra carregada de significação social, sendo externa e referencial. Ela é fruto das relações do indivíduo com o outro e com o mundo. Nessa relação, o léxico é a relíquia que deslumbra os olhos dos pesquisadores, pois a partir dele, é possível desenvolver o mapa genético da identidade cultural desse povo.

Para Bechara (2009, p. 387), “campo léxico é uma estrutura paradigmática constituída por unidades léxicas que se repartem numa zona de significação comum e que encontram oposição imediata umas com as outras”. Observa-se então, que as

lexias não podem ser analisadas sem um confronto com as suas vizinhas, já que fazem parte de um todo.

As lexias extraídas do *corpus* permitem conhecer a luta pela posse da terra, a construção de identidades, diversidades culturais, violência sexual, discriminação racial e social, além das consequências que envolvem a diáspora e a escravidão. O autor utiliza-se do léxico, na voz dos “excluídos”, para mostrar que o legado africano não deve ser estigmatizado, pois o português do Brasil é fruto dessa fusão e transformação linguística.

“**Omolu!** Para o mediador da doença e da saúde, o porco e as pipocas. **Okê, Oxóssi!** — rei de **Quetu**, dono da floresta, caçador: serviram- lhe da paca, do teiú e das cutias. Para **Xangô**, senhor do raio e do trovão, o cágado e o **amalá: kwô-kabiessi!** E para **Oxalá, orixá nlá**, grande **orixá**, o pai de todos — a meia dúzia de caracóis, os **igbins** daquele mato, além do inhame e do milho, tudo sem sal como ele exige e lhe convém. Os pratos olorosos no **peji**, diante dos fetiches de palha, de ferro, de madeira e de metal: o **xaxará** de **Omolu**, o arco-e-flecha de **Oxóssi**, o martelo de duas cabeças de **Xangô**, o **paxorô** de **Oxalá**. (AMADO, 1984, p 308)

Observe que é feito um mergulho no regionalismo e construção do “eu” dos “excluídos”, através das lexias que compõem uma pequena parte do acervo vocabular da Bahia, mas que tem uma carga cultural de raiz africana muito forte, desvelando a alma do baiano. Com esse estudo, na perspectiva da linguística diacrônica estrutural, há uma visão de conjunto com muito mais coerência do que a simples organização alfabética das lexias. Possibilitando assim, descobertas sobre a região cacauera, conhecendo as crenças, as ideologias, e o contexto histórico, mostrando a identidade dos excluídos.

As lexias encontradas estão com seus conceitos e a grafia que foram utilizadas no período, organizadas de acordo com o aparecimento no *corpus* e não de forma alfabética. Por ser uma unidade significativa, a lexia precisa ser analisada no contexto, visto que depende das suas vizinhas conceituais, como coloca Abbade (2006).

O campo lexical signos africanos é apresentado a partir da teoria dos campos lexicais proposta por Eugênio Coseriu (1977). Uma amostragem da possibilidade real de se fazer um estudo estrutural da língua na perspectiva da linguística

diacrônica estrutural, oferecendo uma visão de conjunto com muito mais coerência do que a simples organização alfabética das lexias.

<b>CAMPO LEXICAL</b>	<b>EXEMPLOS</b>
Religiosidade	<i>Orixás, Objetos, Vestuário, Alimentos,</i>
Objetos	<i>De uso pessoal, De trabalho, De uso doméstico e Armas</i>
Culinária	<i>Pratos, legumes, Frutas, verduras e carnes</i>
Terra	<i>Fauna, Flora, Gentílicos, Termos Pejorativos, termos valorativos e Termos Desvalorativos</i>
Corpo	<i>Partes do corpo e sexualidade</i>

Os macrocampos levantados (religiosidade, objetos, partes do corpo, culinária, lugares, corpo e terra) com os seus respectivos microcampos fazem parte da construção identitária dos “excluídos”. Não é apresentada a quantificação das lexias, por ser muito ampla. São apresentados aqui, apenas dois microcampos: *partes do corpo* (corpo) e *orixás* (religiosidade). Lexias estas historicamente estigmatizadas por serem de origem africana.

#### **a) Microcampo dos Orixás**

**ORIXÁ** (kwa)<sup>2</sup>(<sup>o</sup>BR)) e significa designação genérica das divindades africanas cultuadas no Brasil, mais conhecidas do que outras através dos inúmeros estudos sobre o candomblé-queto da cidade do Salvador (Castro, 2001, p. 309)

**IEMANJÁ** (kwa)(BR) – s. f. o orixá do mar

“[...] arco-e-flecha de Oxóssi, abebês de Oxum e **lemanjá**, machado de duas cabeças de Xangô.” (p. 65)

“**lemanjá** viera do mar para dar-lhe medida diferente, fazê-lo medroso e tímido, acovardado.” (p. 304)

**OXÓSSI** (kwa) s. m. orixá da caça, protetor dos caçadores.

“No recesso da floresta, trazido pelos escravos no porão dos navios negreiros, **Oxóssi**, dono da mata e dos animais [...]” (p. 74)

“Okê, **Oxóssi!** — rei de Quetu, dono da floresta, caçador [...]” (p. 308)

**XANGÔ** (kwa) –s, orixá dos raios e do trovão, rei-herói do povo ioruba.

“**Xangô** ou Oxóssi, o negro Tição Abduim atravessou a planura armado de faca do mato e de escopeta.” (p.177)

“Aproveitaria para dar comida às cabeças, aos seus santos protetores, **Xangô**, seu pai, Oxóssi e Oxalá.” (p. 305)

**OXALÁ** (kwa) a divindade suprema da criação, o pai de todos os orixás.

“[...] oferenda quem sabe de **Oxalá**.” (p. 178)

“Trouxeram também meia dúzia de catassóis, os igbins, bois de **Oxalá**.” (p. 306)

“E para **Oxalá**, orixá nlá, grande orixá, o pai de todos [...]” (p. 308)

**OXUM** (kwa) s. m. orixá que comanda os rios e todas as águas doces.

“Epifânia de **Oxum**, mulher de Oxóssi e de Xangô.” (p. 178)

“**Oxum** viera fazer-lhe companhia e o ajudara na tarefa de reunir os que até então viviam indiferentes e distantes [...]” (p.416)

**EXU** (kwa) –s. m. divindade nagô-queto, mensageiro dos orixás.

“Referia-se a **Exu**, o traquinas, o pregador de peças.” (p. 194)

“**Exu** não falta a quem goza de sua estimação.” (p. 195)

“Tu é **Exu** Elegbá, tu é o Cão.” (p. 198)

**IAN SAN / IANSÃ** (Kwa) (\*BR)-s. f. orixá do fogo, trovão e tempestade, uma das três esposas de Xangô.

“em certas horas mais parecia filha de **Iansan** [...]” (p. 199)

“**Iansan** chegou numa nuvem negra, montou o seu cavalo, empunhou o alfanje e o erukerê [...]” (p. 308)

**OBALUAIÊ/OBALUAÊ** (kwa) s. m orixá da varíola, tido como Omulu jovem.

“Declarava-se filha de **Obaluaiê**, o Velho.” (p. 200)

“Atotô, Omolu, pai de banzo e da bexiga negra, da força e da saúde, atotô, meu pai **Obaluaiê!**” (p. 309)

“Precisa fazer um despacho para Omolu, o velho, também conhecido por **Obaluaiê**, pai do banzo e da bexiga [...]” (p.304)

**OMOLU** (kwa) –s. orixá da varíola, equivalente a S. Lázaro.

“Precisa fazer um despacho para **Omolu**, o velho, também conhecido por Obaluaiê [...]” (p. 304)

“Cantaram as cantigas de **Omolu**.” (p. 307)

**OGUM** (kwa) s. m. divindade do ferro e da guerra.

“Epifânia de **Ogum**, ekede apta a acolher os encantados [...]” (p. 414)

#### **b) Microcampo das partes do corpo**

**CABAÇO** (banto) s. m. o hímen, a virgindade da mulher.

“[...] em Tocaia Grande, o **cabaço** da noiva proposta e as quenturas da viúva oferecida [...]” (p.128)

**FIOFÓ** (banto) s. m. ânus.

“[...] à bebedeira de Janjão desejoso de regalar-se com o **fiofó** [...]” (p.167)

“a rapariga desaparecera, certamente em busca de paisagens menos adversas onde pudesse rebolar em paz o cobiçado **fiofó**.” (p. 190)

**XIBIU** (kwa/banto) s. m vulva, partes genitais da mulher.

“Também não podia exigir que ela trancasse a cadeado o **xibiu** — um abismo!” (p. 38)

“Que gosto teria o **xibiu** de uma cigana?” (p.107)

**BUNDA** (banto) s. m. nádegas, traseiro.

“O Capitão reparou na coxa maciça, percebeu a curva da **bunda** [...]” (p. 54)

“[...] o coronel Demostinho correr a mão na nobre **bunda** de Ludmila Gregorióvna e lhe sussurrara, o bafo fazendo cócegas no cangote [...]” (p. 466)

**XOXOTA** (banto) s. m. a vulva, clitóris.

“[...] a **xoxota** de Aruza jamais se repetia.” (p. 135)

“Assim novinha, a **xoxota** em flor, sem ter tido tempo de pegar doença [...] (p. 335)

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Utilizando como *corpus* Tocaia grande: a face obscura, de Jorge Amado, obra que contempla os “excluídos”, personagens que desenvolvem papel central na construção de uma identidade multicultural, foi feita uma análise léxico-semântica no regionalismo e na construção do “eu” desse povo. Cada povo traz em sua bagagem vocabular a forma como lida com o mundo. O campo lexical signos africanos em *Tocaia Grande: a face obscura*, de Jorge Amado, apresenta uma pequena parte da estruturação do vocabulário relativo à região cacauzeira, na Bahia. Para isso, tornou-se fundamental tomar como base de sustentação do trabalho, a teoria dos campos lexicais e semânticos de Eugênio Coseriu (1977), além dos conhecimentos sobre a influência das línguas africanas de Yeda Castro (2001).

A estruturação dos signos africanos se deu a partir da teoria dos campos lexicais, partindo-se da particularidade dentro de uma coletividade. Em todo o *corpus* há marcas regionais que são características do Brasil, retratando os “excluídos”.

Fazendo o estudo funcional desse léxico que retrata uma sociedade com identidade diferenciada que vive o desbravamento da terra, produção do cacau, a luta pela terra e a transformação social, caracterizados aqui pela sua língua, foi possível oferecer uma visão de conjunto, permitindo um leve passeio pela terra dos “excluídos”, degustado entre línguas, a riqueza humana, linguística, cultural e religiosa. Conhecendo parte da identidade diferenciada que soma e embeleza o país.

### REFERÊNCIAS

ABBADE, Celina Márcia de Souza. O estudo do léxico. In: TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de; SANTOS, Rosa Borges dos(Org.). **Diferentes perspectivas dos estudos filológicos**. Salvador: Quarteto, 2006, p. 213-225.

AMADO, Jorge. **Tocaia Grande: a face obscura**. Rio de Janeiro: Record, 1984.

BECHARA, Evanildo. Estudo estrutural do léxico: a lexemática. In: id. **Moderna gramática portuguesa**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

COSERIU, Eugenio. **Gramática, semántica, universales estudios de la lingüística funcional**. 2ª ed. rev. Madrid: Gredos, 1987.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia**: um vocabulário afro-brasileiro. 2. Ed. Rio de Janeiro: ABL Topbooks, 2005.

COSERIU, Eugenio. **Principios de semántica estructural**. Vers. esp. de Marcos Martínez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1977.